

O ato de documentar a partir do corpo

Autora: Ana Paula Chagas Pereira

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o ato de documentar em artes cênicas e a noção do corpo como documento, especialmente em performances que elaboram experiências de violência de gênero. Mais do que comprovar uma “verdade” ou registrar a realidade, o ato de documentar produz narrativas que atribuem novos sentidos ao vivido, envolvendo escolhas estéticas e discursivas que, como aponta Soler (2010), estão diretamente relacionadas à intencionalidade dos criadores. Documento aqui, refere-se a qualquer material de origem não ficcional mobilizado em cena. Leite (2017) enfatiza que esses materiais não comprovam uma verdade, mas são decifrados a partir de uma pergunta que os faça falar, evocando sentidos. Assim, pode-se compreender o corpo como documento, que carrega em sua materialidade as marcas do vivido e evoca imagens, sensações e tensionamentos. A presença do corpo articula passado e presente, não apenas expondo traços da experiência, mas os reelaborando esteticamente, atuando como testemunho e criação ao tensionar modos de narrar e possibilitar uma construção estética da memória. O corpo deixa de ser apenas suporte para a representação e passa a ser o lugar onde a experiência e a memória se inscreve e se transmite. Em performances que lidam com violência de gênero, o corpo, lugar onde incide a violência, torna-se também a própria materialidade de trabalho, que se constitui como criadora e criatura. É justamente desse corpo que emergem outras possibilidades, produzindo narrativas paralelas e tensionando o campo social. Assim, documentar em cena a partir do corpo significa reinscrever memórias e abrir fissuras para novos modos de narrar experiências de violência.

Referências:

LEITE, Janaina Fontes. **Autoescrituras performativas: do diário à cena**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SOLER, Marcelo. **Teatro Documentário: a pedagogia da não ficção**. São Paulo, Editora Hucitec, 2010